

AUTISMO, PSICANÁLISE E DESORDEM CEREBRAL: UMA CRÍTICA

P. Douglas Frey
Universidade de Brasília

RESUMO - Com base em recentes descobertas científicas referentes à etiologia do autismo, o artigo discute e avalia os métodos da ciência empírica em confronto com os da psicanálise. As origens e tradições diversas destas duas orientações são contrapostas e são discutidas as implicações das mesmas sobre a análise e o tratamento da *doença mental*. Assinala a falha geral do enfoque psicanalítico em satisfazer os requisitos dos métodos da ciência empírica. São apontadas também críticas específicas, inclusive dos próprios psicanalistas.

AUTISM, PSYCHOANALYSIS AND CEREBRAL DISORDER: A CRITIQUE

ABSTRACT - This paper uses some recent scientific findings concerning the etiology of autism as a point of departure for a broad comparison of the methods of empirical science and those of psychoanalysis. The diverse origins and traditions of these two orientations are contrasted, and the implications of the two approaches for the analysis and treatment of *mental illness* are discussed. The general failure of the psychoanalytic approach to comply with the requirements of empirical science is noted, and specific criticisms, including those by psychoanalysts, are cited.

Este artigo surgiu como resposta a idéias expressas, umas publicadas (Kumamoto, 1989) outras não, relativas à causa do autismo. Há pessoas que continuam a acreditar que as raízes do autismo estão no comportamento dos pais ou nas interações entre os pais e as crianças. Pessoas que já trabalharam com crianças autistas sabem o quanto é frustrante e difícil manter interações continuadas com elas. As frustrações que pais de crianças com tais deficiências precisam enfrentar diariamente põem a prova mesmo os pais mais dedicados e amorosos e, por vezes, geram adaptações parentais que podem até parecer rejeição de afeto ou frieza. Estas adaptações dos pais à doença não são a causa mas antes o efeito do autismo. Um conhecido decalque de paralamas de carro nos Estados Unidos expressa bem esta situação: "Doença mental é hereditária: você pega dos seus filhos".

No passado ocorreu que alguns profissionais da saúde viam como patogênicas estas adaptações dos pais ao autismo das crianças. Parece que eles *puseram a carroça diante dos bois*, talvez por causa de uma orientação por demais fechada e baseada menos num sistema de crítica aberta, quer dizer científica, do que numa fé quase doutrinal. Para um marceneiro, cujo único instrumento é o martelo, tudo começa a se parecer como um prego. Psicólogos de tradição psicanalítica começaram a ver toda e qualquer disfunção psicológica como produto de uma *mãe rejeitadora*, de

conflitos edipianos, problemas de *treinamento esfinteriano*, *inveja do pênis*, etc., seguindo as doutrinas (ou teorias) de Freud. Estas e outras teorias tendem a culpar as mães de autistas por não se comunicarem corretamente com os filhos, ou não cuidarem bem deles, uma suposição frágil como vamos ver. Tais teorias são igualmente inábeis ao tentarem explicar o fato de a maioria das crianças abandonadas não se tornarem autistas. Creio que qualquer pessoa que tenha lido o trabalho de Marisa Cordeiro (1989)*, uma participante no recente congresso sobre autismo realizado em Brasília, logo contra-argumentaria que crianças autistas não existem por falha comunicativa ou falta de carinho e amor maternos. É claro que o autismo tem base orgânica.

Não somente para o autismo mas para todas as doenças *mentais*, quero contestar o pressuposto da base não-orgânica. Todas as assim chamadas *doenças mentais* devem necessariamente estar baseadas em órgãos que não funcionam direito. O organismo só pode funcionar por causa de órgãos materiais. Mesmo que se aceite a noção filosófica de Descartes de uma mente imaterial, distinta do corpo material, ainda assim seria impossível se conceber uma doença nesta coisa imaterial, dado que somente a matéria possui partes (esta foi uma definição aceita pelo próprio Descartes), ao passo que aquilo que é imaterial não possui partes que possam se separar ou se desorganizar ou ficar *doentes*. Por conseguinte, no caso do autismo, esquizofrenia, ou outra doença mental, devemos começar com o pressuposto de um sistema orgânico adoentado ou em mau funcionamento, e não com o pressuposto de maus pais. Não seria interessante saber quantas pessoas adultas, competentes e famosas, tiveram maus pais e nunca tiveram doenças mentais?

Indivíduos autistas normalmente parecem estar absortos, imersos em seu próprio mundo, e parece que seus estímulos internos proporcionam mais prazer do que aqueles do ambiente externo. A interação e comunicação com os outros não são bem desenvolvidas por causa de problemas no desenvolvimento cerebral, que pode funcionar como se fosse uma tela, que consegue filtrar quase todos os estímulos exceto os mais intensos.

A evidência de que o autismo é uma doença do cérebro é muito forte hoje. Esta evidência é bem apresentada na pesquisa de Erich Courchesne do San Diego Children's Hospital, citado por Herbert na edição de julho de 1989 do *Psychology Today*. A técnica do *NMR Imaging* (ressonância magnética nuclear) usada com 18 pessoas autistas mostrou que todas elas tinham cerebelos anormalmente desenvolvidos. Apesar destes resultados não serem suficientes para comprovar que a deficiência do desenvolvimento cerebral é, com certeza, a única causa do autismo (pode ser que ou-

* De **Poemas para uma criança autista:**

Minha doce criança
Quando estás assim
Recostada em meu colo
Prestes a dormir
Olhas-me com um jeito tão amoroso
Que penso: hoje Deus fará um milagre
És tão lindo, pequeno anjo,
Com o teu ressonar momo
E não há quem duvide
Que dentro de ti só habita o bem

trás pessoas com as mesmas deficiências do cerebelo não tenham autismo), a evidência é bem forte. É interessante também notar que a localização da anormalidade cerebral foi inesperada. O cerebelo se forma relativamente tarde no desenvolvimento geral do cérebro, mas pode ser que o distúrbio que causa a visível anormalidade cerebelar seja igualmente responsável por distúrbios mais sutis no sistema neurotransmissor ou em outros sistemas bioquímicos.

Crianças pequenas parecem se comportar autisticamente se comparadas com crianças mais velhas. A pesquisa de Barbara Herman (Zagon e Herman, 1985) no Centro de Pesquisa do Cérebro do *Children's Hospital* em Washington (D.C.) revela que há um alto nível de *opióides* naturais (chamados *endorfinas*) no cérebro do recém-nascido, cujo nível cai vertiginosamente a 2/3 durante as primeiras 24 horas de vida. Ele crê que o desenvolvimento anormal de sistemas de opióides pode ser uma das causas do autismo. Além disso, ela já obteve sucesso parcial ao tratar crianças autistas com substâncias químicas que bloqueiam os receptores de opióides, por exemplo, naloxone. Ao mesmo tempo, pesquisas realizadas com ratos recém-nascidos por Ian Zagon (1985) no Centro Médico Milton Hersey na Pensilvânia mostram que a ação dos receptores de opióides no cérebro pode impedir o desenvolvimento do tecido cerebral na presença de níveis excessivos de endorfinas.

Essas pesquisas científicas não dão certeza doutrinal, mas fortalecem as teorias da deficiência cerebral como a causa principal do autismo. Certamente uma teoria que atribui a causa do autismo ao desequilíbrio precoce de endorfinas ou outros opióides cerebrais poderia explicar as deficiências intelectuais freqüentemente observadas nos autistas e também o comportamento auto-agressivo, inclusive cabeçadas.

Essas pesquisas usam metodologias científicas, com grupos de controle, inclusão de resultados negativos, avaliação *duplo-cegas*, etc. Os métodos freudianos são diferentes. Eles são mais ou menos históricos, usando estudos de casos selecionados, e (segundo meu modo de ver) têm induzido muitos terapeutas a caminhos errôneos: por exemplo, terapeutas que falharam (por causa da fé nas doutrinas freudianas) ao não providenciarem para pacientes esquizofrênicos remédios que podiam restaurar algum equilíbrio no funcionamento dos neurotransmissores.

Ainda hoje a metodologia psicanalítica muitas vezes não consegue atingir um nível científico. O psicanalista Morris Eagle admite, em trabalho recente (1989), que os métodos epistemológicos da psicanálise têm falhas. Ele anota: "the sheer weight of evidence in this area is such that it would be difficult for anyone in the field to put much stock in Freud's formulations of the development of thinking..." (p. 394). Eagle também alertava que, de um ponto de vista epistemológico, o que causa mais estranheza são as asserções causais, ligando eventos passados como presente, "baseadas somente nas produções verbais e comportamentais dos adultos em atendimento", método que continua desde o tempo de Freud até desenvolvimentos mais recentes em psicanálise. Este autor cita vários psicanalistas que usaram métodos etiológicos, que considera menos científicos, inclusive Freud, Kohut, e outros. Por exemplo, ele se refere ao raciocínio falso de Kohut que afirma que as transferências idealizantes dos pacientes adultos para seu analista são evidências de que falhas traumáticas por parte dos pais em providenciar as oportunidades de idealização nos filhos são causas dos distúrbios de personalidade destes(l). O método de estudo de casos, que os psicanalistas preferem, simplesmente apresenta problemas demais para se poder chamar de científico: a seleção enviesada dos casos, a falta de precisão e validação das lembranças dos adultos, as sugestões sutis do terapeuta, e o método geral de tipo de pesquisa retros-

pectiva (*follow back*). Um exemplo de tipo de pesquisa retrospectiva foi a de Robbins (1966) que descobriu que 75% dos adultos alcoólatras na sua amostra eram delinquentes quando adolescentes, em contraste com 26% de um grupo de controle, e naturalmente os dados sugeriam um relacionamento forte entre delinquência e alcoolismo. Mas quando se usou o método *longitudinal* (quer dizer, prospectivo) para estudar os adolescentes, observou-se que só 11% dos delinquentes jovens se tornaram alcoólatras, quase o mesmo tanto do grupo de controle.

Talvez os problemas com a evidência empírica sejam derivados das origens da tradição psicanalítica, encontradas na tradição cartesiana da filosofia racionalista da Europa continental. Dentro desta orientação, as coisas são verdadeiras porque estão de acordo com a razão e a lógica. A evidência empírica não é considerada como o fundamento da verdade como o são as conclusões derivadas logicamente. Assim foi possível, dentro desta tradição, a um cardeal romano do Santo Ofício (século XVII) fazer a observação, após ter visto as luas de Júpiter através do telescópio herético de Galileu, de que ele não suportava ver o desagradável espetáculo da natureza contradizendo a razão(!).

Em contraposição à tradição racionalista, apresenta-se a tradição empírica das Ilhas Britânicas, cujas raízes vão de Whitehead até Francis Bacon, sustentando que a base para determinar a verdade é a evidência empírica observável mais do que a congruência com a teoria, a lógica, ou a razão. Foi desta tradição empírica que surgiu o enfoque científico e o método científico. Também é esta tradição que exige experimentação controlada, dados mensuráveis e resultados replicáveis.

É muito difícil na orientação psicanalítica avaliar processos e resultados porque muitos eventos suscetíveis de observação empírica são minimizados e considerados simples *conteúdo manifesto*, escondendo, de alguma forma, os *reais processos* que são inacessíveis ao exame empírico. Então, há bastante especulação na abordagem psicanalítica, mas poucos dados de caráter científico. A orientação psicanalítica é capaz de justificar e explicar, com o mesmo e idêntico conjunto de princípios causais teóricos, quaisquer resultados que ocorram sejam eles diametralmente opostos ou não. Desta forma, a orientação psicanalítica é praticamente incapaz de se corrigir a si mesma. Também por causa da sua abordagem, a orientação psicanalítica não apresenta definições operacionais, não testa hipóteses com controle, não define variáveis dependentes ou independentes, não usa estudos longitudinais, etc. É claro, por conseguinte, que a tradição psicanalítica não pode ser chamada *científica*.

Mas tudo isso não desmerece a importância da psicanálise dentro das tradições filosóficas e literárias, nem mesmo dentro da linhagem das tradições da cura fora do âmbito científico. Morris Eagle, um crítico favorável, disse que as formulações da psicanálise têm sido úteis como função heurística, e muitas delas, apesar da falta de evidência, são *indicadoras da verdade*. Mas ele também disse que a psicanálise tem que ser avaliada fora do círculo das ciências naturais. Pode ser. Apesar disso quero questionar o seu lugar, entre as instituições das ciências da saúde e das ciências comportamentais.

REFERÊNCIAS

- Cordeiro, M. A. (1989). *Poemas para uma criança autista*. Brasília: Gráfica do Senado.
Eagle, M. (1989). Explanation in Psychoanalysis. *Social Research*, 56(2), 389-419.
Herbert, W. (1989). New Evidence: Autism is a Brain Disorder. *Psychology Today*, June.

- Kumamoto, L. H. (1989). Autismo uma abordagem psicomotora. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5(2), 231-238.
- Robbins, L. N. (1966). *Deviant Children grown Up: A Socio-Psychiatric Study of Sociopathic Personality*. Baltimore: Williams & Wilkins.
- Zagon, I. S., & Herman, B. H. (1985). Opioids Moonlighting in Cell Growth. *Science News*, 131, 230.

Recebido em 16/11/90.